

Aumenta o desemprego de longa duração

A crise económica provocou uma grande perda de empregos mas, quase mais marcante do que o desemprego total, é o aumento do prolongado (superior a um ano), como destaca a OCDE no seu último relatório “Employment Outlook / Perspectives de l’emploi”.

Na OCDE, o número de desempregados subiu de 13 para 44 milhões desde o começo da crise (2008). É normal que, nesta situação, aumente também a duração do desemprego. Agora, 32,4% dos desempregados estão nesta situação mais de um ano, contra 25,5% antes da crise. Mas, em muitos países, a evolução do desemprego prolongado não é proporcional à taxa geral. Isto faz rezear que se esteja a criar uma grande bolsa de pessoas que venham a ficar definitivamente fora do mercado laboral.

Os países com maiores percentagens de desemprego superior a um ano não são, necessariamente, os que têm mais altas taxas de desemprego. A Alemanha baixou o desemprego prolongado mas continua a estar muito acima da média da OCDE, com 47,3%, e antes da crise registava 52,6%. Em Espanha, onde a taxa de desemprego é muito elevada (21,2%), o prolongado não chegou tão alto, embora tenha subido muito: de 23,8% em 2008, para 40,5% em 2011. Mais desemprego prolongado, em termos relativos, têm outros países com taxas gerais inferiores à espanhola, como Itália (8% de desemprego total), Portugal (10,8%; hoje, superior a 15%), Irlanda (13,6%) ou Bélgica (7,5%), além da Alemanha (7%). O desemprego prolongado em França é igual ao de Espanha, embora a taxa geral seja menos de metade (9,9%).

É também de salientar o caso dos Estados Unidos, onde noutros tempos os que perdiam o emprego encontravam outro rapidamente: de facto, o desemprego superior a um ano alcançava 9,5% em 2008. O desemprego total subiu, certamente, durante a crise: de 5,8% para 9,1%; mas o prolongado triplicou, vindo a alcançar 30,4%.

Contraste semelhante, mas menos marcado, acontece no Japão. Neste país, o desemprego total é baixo e subiu pouco durante a crise (de 4,0% para 4,7%); em contrapartida, o prolongado, que já era bastante alto, aumentou ainda mais (de 33,3% para 37,6%).

No outro extremo da tabela, o desemprego total e o prolongado evoluem em paralelo. Os países onde menos de 10% dos desempregados são de longa duração (Coreia do Sul, México, Noruega e Polónia) têm taxas totais igualmente baixas. A sul-coreana é de apenas 3,3%, tendo lá o desemprego prolongado um número muito reduzido de 0,3%, quase dois pontos e meio a menos que antes da crise.

(OCDE)

Os que não abandonam a energia nuclear

A Alemanha não é o único país que rejeitou a energia nuclear devido ao acidente de Fukushima. No ano passado, a Suíça decidiu não substituir as suas centrais nucleares quando terminarem a sua vida útil, pelo que dentro de 30 anos não restará nenhuma. Também no ano passado, os eleitores italianos aprovaram, em referendo, anular o plano de renascimento nuclear preparado pelo Governo de Silvio Berlusconi, que iria revogar o apagão decidido em 1987, depois do acidente de Chernobil. No Chile, deficitário em energia, o governo suspendeu o seu projeto de construir centrais nucleares (agora não existe nenhuma).

Mas essa não é a posição maioritária no clube nuclear. Atualmente, existem 29 países com reatores, e 14 deles têm centrais em construção (outro ainda, o Irão, está a construir a primeira).

A maior expansão nuclear é a da China, que tem 13 reatores e está a construir mais 28. Esta pode ser uma boa notícia para a atmosfera, se dessa forma a China conseguir conter o seu consumo de carvão, que cresceu 185% na década passada, até alcançar quase metade do total mundial. O carvão é o combustível fóssil mais poluente, ao qual se deve a maior parte (43%) das emissões mundiais de CO₂.

Em segundo lugar aparece a Rússia, com 11 reatores em construção, que se vão juntar aos 32 já em funcionamento. Os outros países com mais reatores em construção são a Índia (6) e a Coreia do Sul (5); os restantes têm um ou dois.

Fukushima não vai fazer com que a Grã-Bretanha saia do clube. Depois de uma revisão da segurança das centrais, o Governo de Londres publicou em 2011 o novo plano energético nacional, que conta com a energia nuclear como um dos pilares para reduzir as emissões de CO₂ na geração de eletricidade. Concretamente, prevê baixar para 20% a parte produzida com combustíveis fósseis e obter o restante a partir de centrais nucleares e de fontes renováveis, em partes iguais. Isto pressupõe mais do que duplicar a percentagem do nuclear, que agora é de 15,6%. Para isso, pretendem ter em 2025 oito centrais novas mais potentes, que irão substituir outras tantas das 19 atuais.

A Holanda tão-pouco vai fechar a sua única central nuclear, que lhe possibilita cumprir a sua meta de emissões. Igualmente, a Argentina (com dois reatores operacionais e um em vias de inauguração) confirmou que não renuncia, apesar de Fukushima.

Há, além disso, países sem energia nuclear que querem tê-la. A Polónia planeia erguer seis centrais, de modo a assegurar a autossuficiência energética e não depender da Rússia. A Arábia Saudita, embora seja o segundo produtor mundial de petróleo (a Rússia ultrapassou-a em 2010) e ter as maiores reservas, quer satisfazer a sua crescente procura de energia sem gastar mais do seu próprio crude. As instalações de refrigeração, as dessaliniza-doras para obter água potável do mar e a indústria solicitam cada vez mais eletricidade, e seria mau negócio gerá-la queimando barris de petróleo que dão mais dinheiro se forem exportados. A meta saudita é, portanto, construir 16 centrais nucleares até 2030, a um custo equivalente a 70.000 milhões de euros.

R.S.

Panorama nuclear

Japão	Desligou mais de 40 reatores
Alemanha	Fixou o apagão nuclear para 2022
Suíça	Não vai substituir as centrais existentes, que fecharão daqui a 30 anos
Itália	Recusada em referendo a construção de centrais nucleares
China	Está a construir 28 centrais
Rússia	Tem 11 centrais em construção
Grã-Bretanha	Quer duplicar a percentagem da eletricidade de origem nuclear
Arábia Saudita	Prevê construir 16 centrais antes de 2030
Polónia	Projeta construir 6 centrais

As três epidemias modernas

Vivemos tempos de perda. Hoje convivem ao mesmo tempo três epidemias de grande envergadura: a depressão, o *stress* e a rutura conjugal. Não saberia dizer qual a ordem de chegada.

A depressão é a doença da melancolia. A palavra passou para a linguagem coloquial e o seu uso e abuso está na ordem do

dia. Há dois tipos, duas modalidades: as endógenas, que vêm de dentro e que se devem a uma desordem bioquímica cerebral complexa, que têm um fundo hereditário e que são sazonais (especialmente na primavera); têm bom prognóstico, curam-se em cerca de 90 por cento delas e hoje contamos com medicamentos que travam a recaída.

As outras são as exógenas, que podem ser chamadas reativas e que se devem a acontecimentos negativos da vida. Há duas modalidades: os traumas de grande dimensão, que são impactos muito fortes a deixar o ser humano prostrado à beira do precipício e dos quais poderíamos dizer que a mulher é especialmente sensível às frustrações sentimentais e familiares, enquanto que o homem o é às frustrações económicas e profissionais. Hoje isto está a mudar e haveria muitos matizes a expor aqui. A outra, são os traumas de menor dimensão, que são factos negativos de pequena e média intensidade, mas que formam um somatório, uma constelação de fatores nocivos que dão lugar a um estado de ânimo de tristeza, apatia, ir abaixo, falta de vontade de viver, desilusão e um longo *et cetera* nessa mesma linha. Estas depressões multiplicaram-se hoje devido ao tipo de vida que vivemos, e muitas delas arrancam, brotam, emergem, saltam aos pés da crise económica tão grave que estamos a viver e da rutura da família, com tudo o que isso acarreta. As depressões exógenas têm um prognóstico incerto e a sua evolução depende dos factos que as desencadearam.

A segunda epidemia é o *stress*, que consiste num ritmo trepidante de vida sem tempo para mais nada a não ser trabalhar. Há também duas modalidades: o *stress* real, que se deve a se estar sempre sobrecarregado e mesmo ultrapassado por inúmeras coisas e atividades, e que acontece com especial frequência nos executivos, nos homens de negócios, nos jornalistas e em todos aqueles que não sabem colocar limites à sua atividade profissional e que cedo ou tarde são apanhados pelos laços da profissionalite sem freio. A outra é o *stress* psicológico, que não é tão objetivo como o anterior e que se dá em pessoas que se esgotam, que aceleram o seu ritmo de vida sem necessidade e que são autênticas fábricas de ansiedade. Por vezes, ambas as modalidades acontecem simultaneamente. Evitar o *stress* é saber trabalhar com ordem e vontade. Saber planificar as coisas que temos de efetuar e aprender a dizer não a pedidos, solicitações e pressões excessivas de trabalho. Diz o Eclesiastes: «Ama o teu ofício e envelhece nele».

A terceira epidemia, a das ruturas conjugais, podemos dizer que é mais recente no mundo ocidental. Hoje assistimos ao espetáculo de um casal desfeito e outro e mais outro. Aqui e ali. Quem nos ia dizer há apenas algumas décadas que este ia ser um dos piores males do nosso tempo? Que significa isto, o que se está a passar, quais são as causas e motivos que desencadearam este feroz *tsunami* de proporções gigantescas? São muitas as coisas que se foram sucedendo para que isto aconteça. Não é fácil dar uma resposta única, porque são numerosos os ingredientes que se acumulam aqui e levaram a que tantos casais se tenham esborado e

apareçam os chamados “filhos pingue pongue”, que vão daqui para acolá todas as semanas, com tudo o que significa essa transferência para a pessoa que ainda está em formação.

Observo a palavra amor falsificada. Há um uso, um abuso e uma manipulação da palavra amor. A qualquer coisa chama-se amor! Há que devolver a este termo a sua força, a sua qualidade e a sua exigência. Amar uma pessoa é dizer-lhe: vou tentar que tu nunca morras para mim, que sejas o meu primeiro argumento; vou colocar da minha parte para te dar, o melhor que tenho... vou tentar extrair o melhor da minha pessoa e da tua. O amor do casal constitui uma tarefa laboriosa que tem elevada percentagem de um verdadeiro trabalho artesanal psicológico.

E no meio deste ideal de vida, ao mesmo tempo realista e exigente, deparamos com uma sociedade em que se foram impondo de modo gradual e progressivo uma série de conteúdos, umas vezes claros e outras desfocados: o hedonismo, o consumismo, a permissividade e o relativismo, e todos eles alinhavados pelo materialismo e pela falta de espiritualidade. E o drama é servido em bandeja. Em face dessa paisagem que temos diante dos olhos, há que saber ir em contracorrente e não se deixar levar pelas modas do momento. A epidemia de casais desfeitos é contagiosa.

E. R.

(“ABC”)

As três epidemias modernas

Battle Hymn of the Tiger Mother

Autora: Amy Chua

Penguin Group

2011

240 págs.

Os pais mais exigentes, que fazem dos seus filhos autênticos trabalhadores a partir da mais tenra infância, são os que depois conseguem universitários responsáveis, seguros e cheios de energia, segundo Amy Chua, a autora sino-americana do livro “Battle Hymn of the Tiger Mother” que chocou o mundo educativo nos EUA pela sua defesa do regresso a posições autoritárias e exigentes.

Num encontro com os leitores do seu livro na Biblioteca Pública de Nova Iorque, Chua, que alcançou um grande sucesso de vendas nos Estados Unidos, louvou os efeitos da rígida educação de origem oriental que aplicou às suas filhas há já uma década, e assegurou que a chegada da sua filha à universidade, lhe mostrou que o resultado do seu esforço e acompanhamento não deram lugar a “um autómato nem a um *robot*”, mas a uma pessoa independente, criativa e corajosa.

Segundo refere o diário “The Wall Street Journal”, a autora do polémico livro aproveitou o encontro para se defender das críticas recebidas nos últimos meses e procurar responder aos pontos mais criticados pelos defensores de uma educação flexível. Na sua opinião, disseram-se muitas coisas acerca da instrução que ela propõe inexatas. O seu objetivo não é tanto conseguir metas, resultados ou boas notas, “mas ensinar aos filhos que são capazes de fazer muito mais do que pensam”. Chua, que compareceu ao encontro acompanhada de Sofia, a sua filha mais velha, e do seu marido – também professor universitário -, afirmou que talvez mesmo agora, ambos são dos pais menos intervencionistas na vida dos seus filhos universitários porque, simplesmente, os seus filhos não precisam desse intervencionismo depois de terem recebido uma rígida educação entre os 5 e os 12 anos, época em que se forma o carácter.

Na sua defesa de uma maior exigência, Amy Chua comparou a severidade que propugna com a que praticaram os pioneiros norte-americanos, que inspiravam resistência nos seus filhos, e não tanto com a desenvolvida pelos seus antepassados chineses. Pelo contrário, ridicularizou os ‘pais helicóptero’, que sobrevoam constantemente os filhos, protegendo-os de possíveis ameaças, carregando as suas mochilas e incapacitando-os para qualquer esforço, algo que não tem nenhuma tradição nem raízes nos Estados Unidos da América. Por isso, considera que, ao chegar à universidade, onde os filhos pela primeira vez se encontram sozinhos, é muito fácil que aqueles que ouviram mil vezes dos seus pais, palavras como “magnífico, és um génio” e foram educados com excessivos cuidados, sofram um autêntico trauma quando algo lhes corre mal.

A promotora da exigência na educação recordou que hoje em dia é muito alargada a tendência para elogiar a criatividade, “como se Steve Jobs, o pai da Apple, tivesse conseguido as suas invenções fugindo às aulas quando, na realidade, tanto ele como o criador do Facebook, Mark Zuckerberg, são o protótipo do trabalho esforçado e souberam recuperar e resistir a situações limite”, justamente o que pretende obter a educação com autoridade que Amy Chua defende. “Ninguém inventaria um iPod sem lhe ter dedicado antes longas horas de trabalho”, salienta.

O livro teve uma edição em castelhano com o título “Madre tigre, hijos leones”, ed. Temas de Hoy, 2011. Também no Brasil foi publicado: “Grito de Guerra da Mãe-Tigre”, ed. Intrínseca, 2011.

